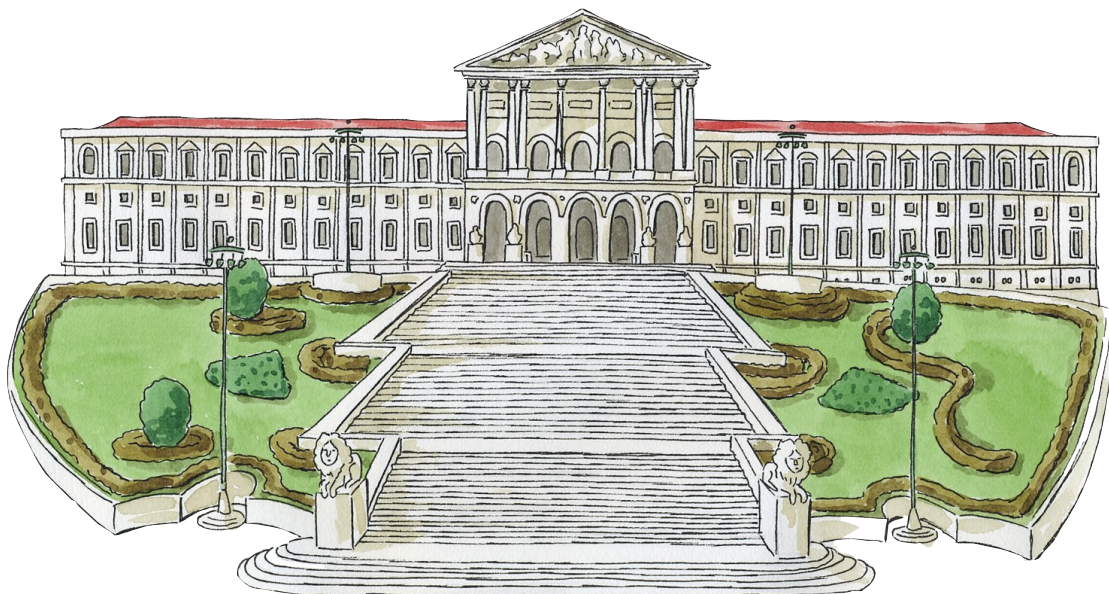




O Palácio de S. Bento e o Parlamento

ANA MARIA MAGALHÃES | ISABEL ALÇADA | Ilustrações de SOFIA CAVALHEIRO



Ficha Técnica

Título

O Palácio de S. Bento e o Parlamento

Autoras

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Ilustrações

Sofia Cavalheiro

Editor

Assembleia da República – Divisão de Edições

Coordenação Editorial

Noémia Bernardo

Colaboração

Ana Vargas

Teresa Parra da Silva

Manuela Magalhães

Helena Medeiros

Design Gráfico

Nuno Timóteo

Fotografias

Artefacto

Carlos Didelet

Carlos Pombo

Coronel Azevedo e Silva

Eduardo Gageiro

Instituto Português de Museus – Museu dos Coches

João Silveira Ramos

Jorge Caria

Júlio Marques

Luís Saraiva

Miguel Carvalho e Silva

Nuno Timóteo

Paulo Baptista

Rui Morais de Sousa

Teresa Fonseca

Impressão

Editorial do Ministério da Educação

Tiragem

3000 exemplares

Lisboa, Assembleia da República, 2006

ISBN 972-556-357-3

Depósito Legal ???????

©Assembleia da República



O Palácio de S. Bento

Um Edifício Com Uma Longa História

O Palácio de S. Bento, onde hoje funciona a Assembleia da República, ou Parlamento, tem uma longa história.

Há quinhentos anos, o local onde hoje se ergue o edifício, era uma zona de quintas nos arredores da cidade de Lisboa muito apreciada pela beleza da paisagem e pelo ar puro que aí se respirava.



Uma zona de bons ares

No ano 1569 a população de Lisboa foi atacada por uma terrível peste. Morreu muita gente e os doentes sofreram imenso porque naquele tempo havia poucos lugares onde pudessem pedir ajuda. Alguns fugiram da cidade, foram acolhidos e tratados numa linda quinta com vista para o Tejo onde recuperaram a saúde.

Tempos depois os monges da ordem de S. Bento, que andavam à procura de um sítio agradável para construir um convento¹ em Lisboa, gostaram daquela propriedade e resolveram comprá-la. Chamaram um arquitecto para fazer o projecto do edifício e, talvez em memória dos pestíferos que tiveram a sorte de ali se terem curado, chamaram-lhe Convento de S. Bento da Saúde.

¹Aos edifícios da Ordem de S. Bento chamam-se mosteiros. No entanto, para este edifício, generalizou-se a designação Convento de S. Bento.

Os monges de S. Bento

O arquitecto chamava-se Baltazar Álvares. Depois da sua morte o projecto foi continuado e alterado por dois monges, Pedro Quaresma e João Turriano. Este último era filho de uma portuguesa e de um famoso arquitecto italiano e também se distinguiu como professor de Matemática na Universidade de Coimbra.

A construção do Convento demorou muitos anos a ficar pronta. Em 1615, os monges instalaram-se nos aposentos que já podiam funcionar, mas enquanto rezavam, estudavam, plantavam hortas e pomares na quinta, ou tratavam de doentes, ouviam as fortes marteladas dos pedreiros e as serras dos carpinteiros, que dia após dia continuavam a erguer paredes, a montar portas e janelas, a acertar as telhas no telhado.





O Terramoto

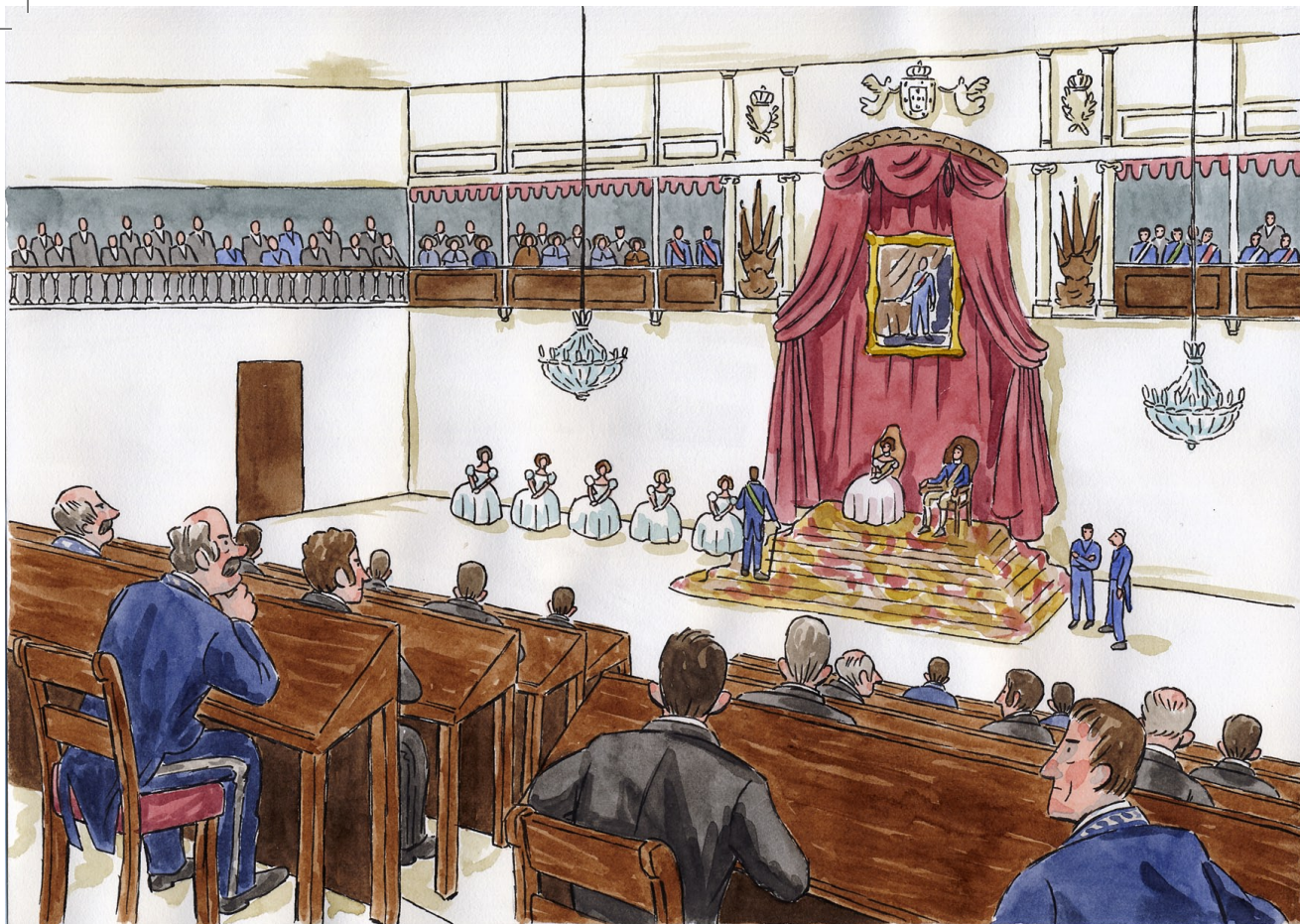
No dia 1 de Novembro de 1755, um pavoroso terramoto sacudiu a cidade de Lisboa e a maior parte das casas desmoronou-se.

O Convento, que continuava em obras, tremeu mas não caiu, só ficou com algumas rachas, que depressa se repararam. E ainda bem, pois era um belo edifício com uma igreja ao centro, duas torres, dormitórios para os monges, barbearia, cozinha, refeitório, adegas, lagares, fornos, oficinas e dois jardins interiores com arcos a toda a volta – os claustros.

Um desses jardins ainda hoje existe.



Este claustro, imaginado pelo arquitecto Baltazar Álvares, tem ao centro uma fonte e um lago, que foram acrescentados mais tarde.



O poder na época do terramoto

Nos séculos XVII e XVIII os países da Europa eram monarquias absolutas.

A monarquia absoluta tinha as seguintes características:

- ▶ O rei era a autoridade máxima, considerava-se que recebia o poder das mãos de Deus e que estava acima das leis e do Direito.
- ▶ O rei podia tomar as decisões que quisesse e só reunia cortes para ouvir a opinião dos nobres, do clero e do povo se bem o entendesse.
- ▶ Os ministros e altos funcionários eram escolhidos pelo rei que os podia demitir a qualquer momento.
- ▶ Havia leis escritas, mas o rei podia ignorá-las ou alterá-las sempre que quisesse, pois, a sua vontade valia mais do que qualquer lei.
- ▶ Havia tribunais e juizes, mas o rei podia alterar as penas perdoadando ou agravando o castigo.

A monarquia absoluta era na verdade um sistema muito injusto. Houve vários pensadores que escreveram obras contra este regime e defenderam ideias novas.

Consideravam que o poder não vinha de Deus para o rei, mas sim de Deus para o povo, e que ninguém estava acima das leis. Sendo assim, não fazia sentido que o poder se concentrasse nas mãos de uma só pessoa, devia ser dividido da seguinte maneira:

- ▶ O poder de fazer leis – poder legislativo – competia ao Parlamento ou Cortes (conjunto de deputados eleitos pelo povo).
- ▶ O poder de governar – poder executivo – competia ao rei e aos seus ministros.
- ▶ O poder de julgar – poder judicial – competia aos juizes nos tribunais.

Estas ideias provocaram escândalo e abalaram os espíritos, mas foram lançadas e, com o tempo, vieram a dar origem a outros modelos de governo. Primeiro surgiram as monarquias liberais. Mais tarde as repúblicas modernas.

Portugal torna-se uma monarquia liberal

Em 1817, rebentou em Portugal a primeira revolta destinada a abolir o absolutismo e a implantar uma monarquia liberal. Esta revolta foi sufocada e os líderes condenados à força.

Em 1820, estalou no Porto uma nova revolução, desta vez com sucesso. Os revoltosos organizaram imediatamente um governo provisório e realizaram-se as primeiras eleições da história do país, destinadas a escolher os deputados, que fariam a primeira constituição.

Em 1822, foi aprovada a primeira Constituição portuguesa, que seguia os mesmos princípios das constituições dos países onde já se tinha implantado o liberalismo.

Segundo a Constituição de 1822, o poder foi dividido em poder legislativo, executivo e judicial.

O poder legislativo foi entregue às Cortes (conjunto de deputados eleitos). Como ainda não havia edifício destinado às Cortes, os deputados reuniam na biblioteca anexa ao Palácio das Necessidades.

O Palácio das Necessidades é hoje o Ministério dos Negócios Estrangeiros



A Guerra Civil

A Guerra Civil

A mudança de regime, de monarquia absoluta para monarquia liberal, representou uma alteração tão profunda que, tanto em Portugal como noutros países, deu origem a conflitos.

Entre 1820 e 1832, houve golpes e contragolpes em que ora venciam os que defendiam o regresso ao absolutismo, ora venciam os adeptos do liberalismo.

Em 1832 rebentou uma guerra civil entre absolutistas, encabeçados pelo príncipe D. Miguel, e liberais encabeçados pelo príncipe D. Pedro, ambos filhos de D. João VI (falecido em 1826).



D. Miguel



D. Pedro

A guerra prolongou-se por dois anos, foi muito sangrenta e particularmente dolorosa porque os portugueses não lutavam contra inimigos estrangeiros, lutavam entre si, primos contra primos, irmãos contra irmãos.

A vitória coube aos liberais e em 1834 assinou-se a paz em Évora-Monte. D. Miguel partiu para o exílio, D. Pedro morreu pouco depois deixando no trono a sua filha D. Maria II.

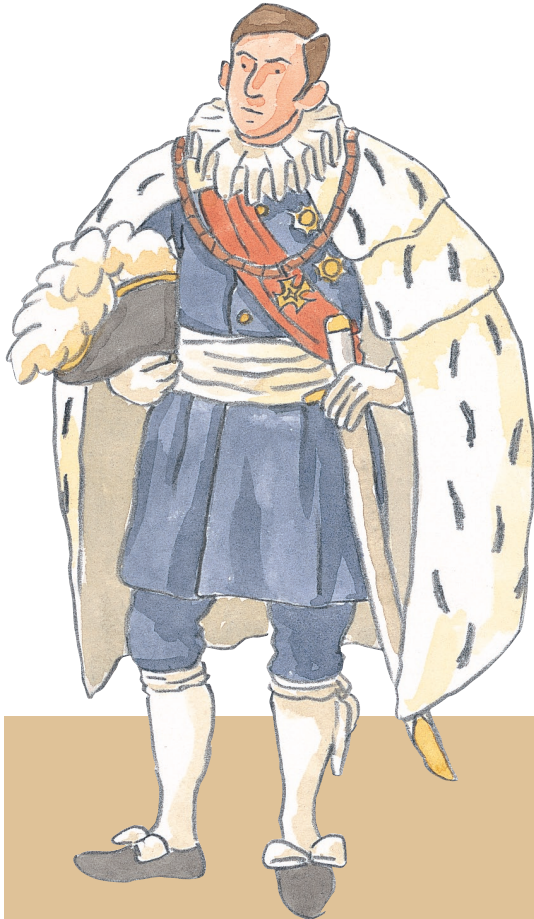
O Parlamento em S. Bento

Em 1834, a Constituição de 1822 já não estava em vigor, tinha sido substituída pela Carta Constitucional de 1826. Este documento mantivera o poder tripartido, mas com algumas alterações. O poder legislativo passou a ser exercido por uma assembleia que continuou a chamar-se Parlamento ou Cortes, mas estava dividida em duas Câmaras: a Câmara dos Deputados da Nação e a Câmara dos Pares do Reino.

Os Deputados da Nação eram eleitos. Os Pares do Reino eram escolhidos pelo rei entre os membros da nobreza e do alto clero.



Os Deputados da Nação vestiam casaca de forro azul com gola e punhos bordados a fio de prata, representando castelos e quinas. Usavam também colete branco calças azuis justas à perna e botinas.



Os Pares do Reino trajavam de forma mais luxuosa. Usavam capas, chapéus com plumas e uns enormes botões com símbolos de nobreza.

O Parlamento, com duas Câmaras, precisava de instalações adequadas. Como o liberalismo tinha abolido as ordens religiosas ficaram muitos conventos vagos.

O Convento de S. Bento, em Lisboa, foi um deles. Sendo grande, bonito, bem localizado, foi escolhido para sede do Parlamento. Passou, portanto, a pertencer ao Estado e fizeram-se obras de adaptação para acolher as duas Câmaras e outros serviços.

O arquitecto encarregue do projecto de adaptação foi Joaquim Possidónio da Silva, que concebeu uma sala nova para a Câmara dos Deputados da Nação e remodelou a antiga Sala do Capítulo para aí reunirem os Pares do Reino.

Nessa época, o Palácio de S. Bento era conhecido por Palácio das Cortes.

O Terrível Incêndio

Ninguém sabe ao certo o que aconteceu naquele dia fatídico de 1895. Quando se ouviram gritos de alerta já as chamas devoravam as paredes do Palácio de S. Bento. Acorreram os bombeiros e a população, sempre generosa nestas circunstâncias, quis ajudar e ajudou a evitar o pior. O edifício continuou de pé, mas bastante danificado. A sala dos deputados ficou reduzida a cinzas e a precisar urgentemente de obras de reconstrução.



Em vez de se convidar um arquitecto, optou-se por abrir concurso. Quem apresentasse o melhor projecto ganhava. E quem ganhou foi o arquitecto Miguel Ventura Terra, o mesmo que mais tarde viria a ser responsável por muitos edifícios de Lisboa como o Liceu Camões, o Liceu Pedro Nunes, a Maternidade Alfredo da Costa, o Teatro Politeama, e por edifícios noutros pontos do país, como a Igreja de Santa Luzia, em Viana do Castelo.

Miguel Ventura Terra fez uma remodelação profunda para dar ao edifício o aspecto solene, que se considerou adequado às importantes funções do Parlamento.

Escolheu um estilo muito geométrico, baseado nos estilos clássicos da Grécia Antiga e do Império Romano, ou seja, optou pelo estilo neo-clássico, que na época estava na moda e era usado em todo o mundo nos edifícios públicos. As linhas geométricas e a simetria, simbolizavam a racionalidade e o equilíbrio, que deviam ser a base da Lei.

As obras prolongaram-se durante cinquenta anos.





Já em pleno século XX, na década de 40, foi acrescentada a grande escadaria exterior e o jardim das traseiras imaginados pelo arquitecto Luís Cristino da Silva.

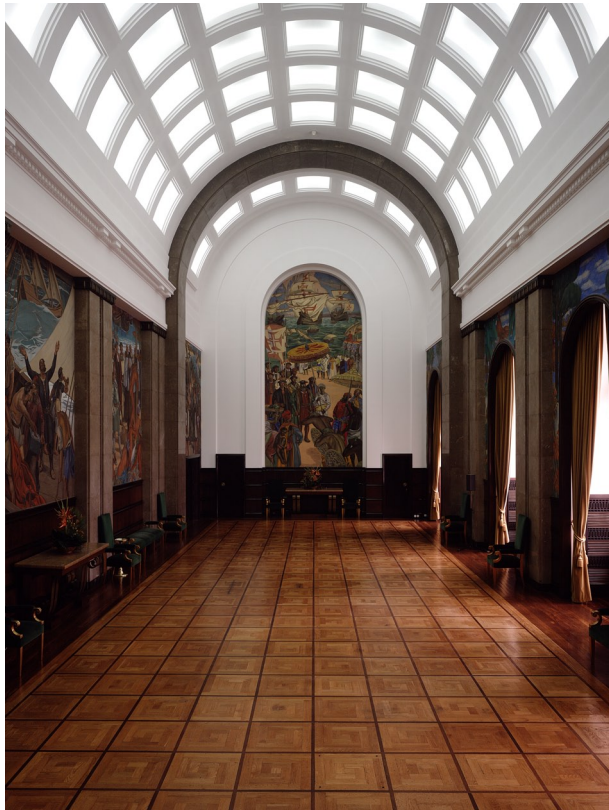


Na mesma época, outro arquitecto famoso – Pardal Monteiro – fez o projecto para o Salão Nobre.

No final do século XX, as instalações já não chegavam para acolher com conforto todas as pessoas que ali trabalhavam. A única solução era acrescentar um novo edifício ao Palácio de S. Bento, mas tinha que ser muito bem pensado porque a zona tem a sua harmonia própria e uma grande carga histórica.

O arquitecto Fernando Távora concebeu um edifício moderno, que se articulou perfeitamente no conjunto formado pelo palácio, pelo largo, pelos prédios que se erguem em frente, pelo jardim.

Em 1999, inaugurou-se o novo espaço do Parlamento.



Salão Nobre

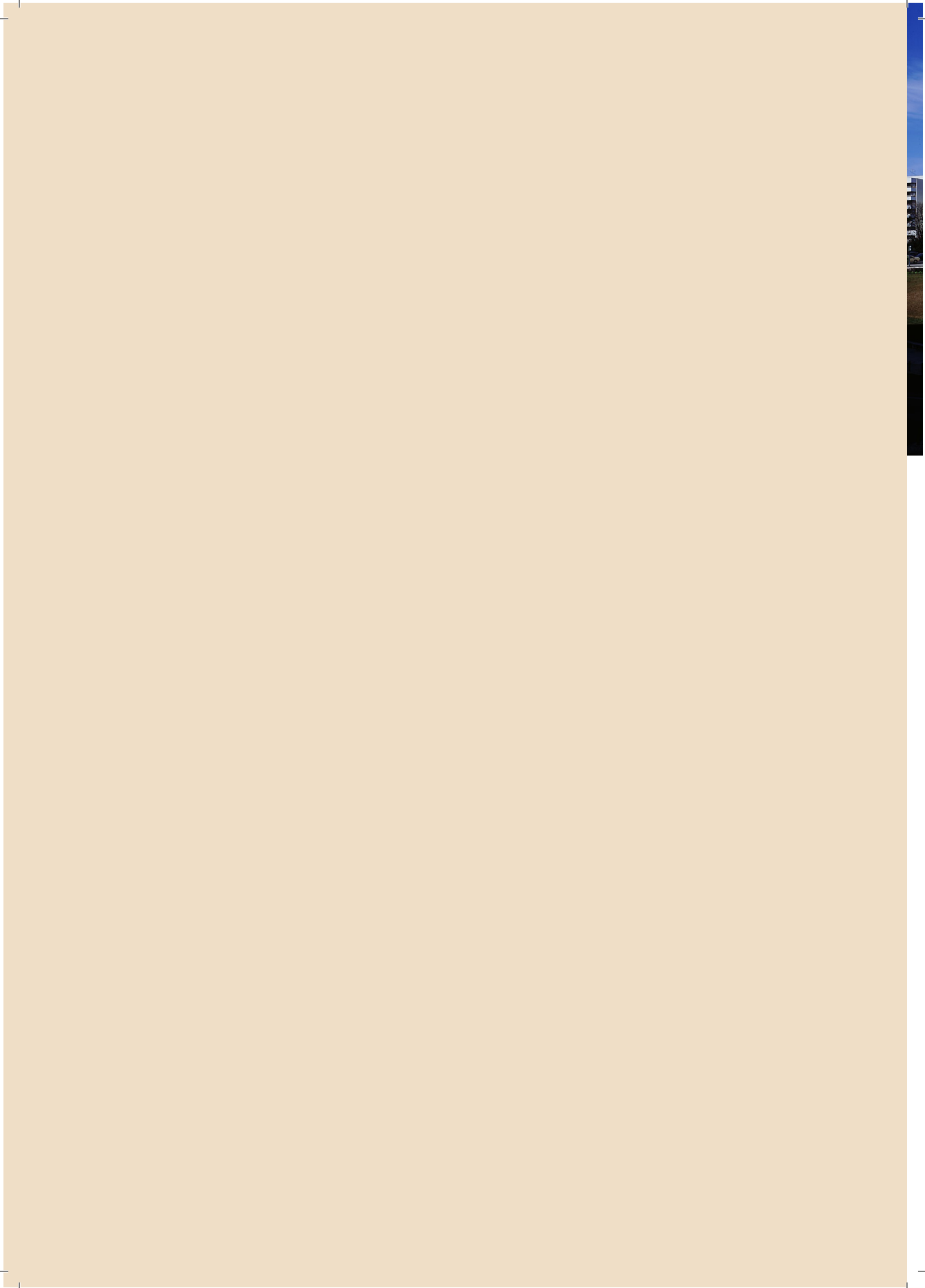


O novo edifício construído no final do século XX

Visitando o Palácio de



S. Bento com Olhos de Ver





A Fachada Principal

- ① Galilé com 5 arcos de volta perfeita.
- ② 4 estátuas.
- ③ Rés-do-chão: 22 janelas rectangulares horizontais.
- ④ 2.º andar: 22 janelas quadradas.
- ⑤ Varanda com 12 colunas de ordem compósita.
- ⑥ Andar nobre: 22 janelas rectangulares verticais com pequenos frontões rectangulares e semicirculares.
- ⑦ Frontão triangular.
- ⑧ Na fachada principal, a ladear o arco central, encontra-se a palavra latina *Lex*, que em Português significa Lei.

As Estátuas da Fachada Principal

Os símbolos



A Prudência
Escultor: Raul Xavier
(1894-1964)

Esta estátua representa a Prudência, por isso, tem duas faces, o que pretende significar que as pessoas prudentes devem prestar atenção às diferentes realidades que as envolvem. Uma das faces olha-se num espelho, porque as pessoas, também, devem avaliar-se a si próprias.



A Justiça
Escultor: Maximiano Alves
(1888-1954)

Conforme é costume a Justiça aparece representada com uma balança, para pesar o que se diz a favor e o que se diz contra qualquer assunto e poder tomar uma decisão justa. E a espada para castigar quem merece.

O escultor não incluiu um outro elemento habitual: uma venda sobre os olhos, lembrando que a Justiça deve ser cega, ou seja, não pode atender a amizades ou inimizades.

Da decoração da fachada principal fazem parte quatro estátuas, figuras femininas sentadas que são alegorias. Neste caso, representam quatro virtudes: a Prudência, a Justiça, a Força e a Temperança.



A Força

Escultor: **Costa Motta (sobrinho)**
(1877-1956)

Para a estátua que representa a Força, o escultor escolheu um atributo que sugere sobretudo força física – um gordo e pesado bastão. Mas certamente quis aludir também à força do espírito.



A Temperança

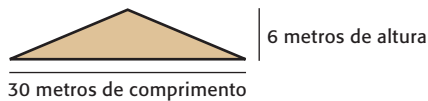
Escultor: **Barata Feyo**
(1899-1990)

A Temperança é a qualidade das pessoas que sabem manter a calma e manter o equilíbrio nas várias situações da vida.

O escultor optou por colocar nas mãos da figura feminina um pequeno jarro a entornar pouco líquido para uma taça. Foi a maneira que encontrou para lembrar que os exageros são indesejáveis.

O Frontão da Fachada Principal

O remate superior da fachada principal é um frontão à maneira clássica. O escultor foi Simões de Almeida (sobrinho), que era professor na Escola de Belas Artes. Está decorado com várias figuras numa composição simétrica.

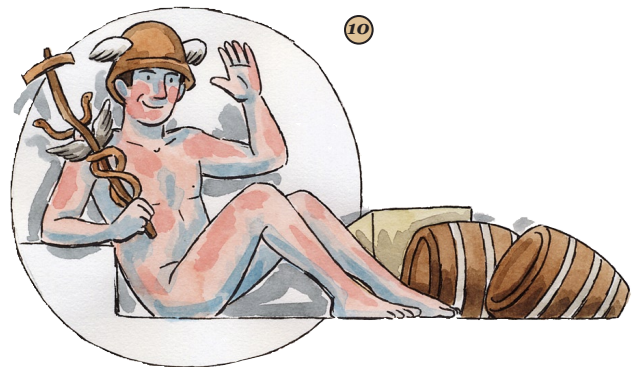
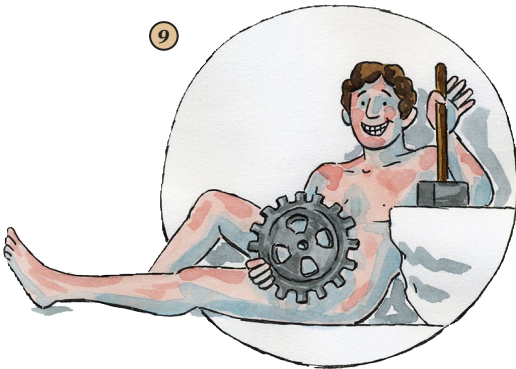
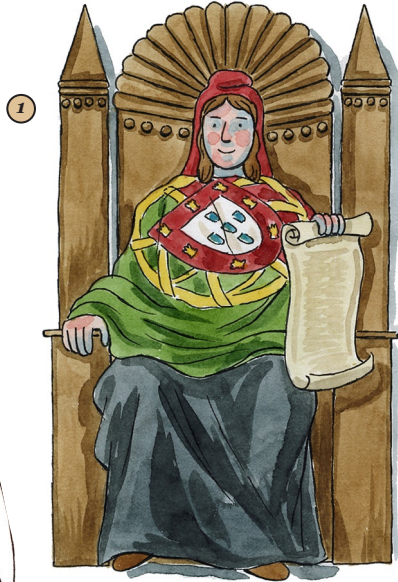


- 1 A figura feminina ao centro simboliza a Pátria. Tem por baixo uma inscrição em latim *Omnia pro patria*, que em português significa Tudo pela Pátria. De cada um dos lados tem 9 figuras, portanto 18 ao todo. Onze são femininas, 4 são masculinas e 2 são crianças.

A maneira como algumas figuras se apresentam permite descobrir o que simbolizam.

- 2 Figura com a bandeira nacional, de peito descoberto – simboliza a Liberdade.
- 3 Figura com ceptro e elmo – simboliza a Fortaleza.
- 4 Figura com um compasso na mão – simboliza a Arquitectura.
- 5 Figura com uma prancha a desenhar – simboliza o Desenho.
- 6 Figura com paleta e pincel – simboliza a Pintura.
- 7 Figura com asas, exibindo uma coroa de louros e levada em ombros por um jovem atleta – simboliza a Vitória.
- 8 Velho curvado – simboliza a Sabedoria.
- 9 Figura com uma roda dentada e um martelo – simboliza a Indústria.
- 10 Figura com barris – simboliza o Comércio.
- 11 Mulher que lê – simboliza a Leitura.
- 12 Mulher que está a ensinar uma criança a escrever – simboliza a Educação e o valor da Escrita.





A Varanda da Fachada Principal



A varanda da fachada foi projectada para o cerimonial de tomada de posse dos Chefes de Estado, que ali se apresentam ao povo, para agradecerem a eleição e para serem aclamados.



- ① 12 colunas de ordem compósita.
- ② 5 janelas em arco de volta perfeita.
- ③ Mísulas decoradas com leões.



O Átrio Principal

A entrada principal do Palácio de S. Bento ocupa o espaço do edifício onde em tempos foi a igreja do convento. O chão ainda é o mesmo. Quem circular por cima das pedras de mármore branco e cor-de-rosa está caminhando sobre as pegadas invisíveis de milhares de pessoas que ao longo dos séculos por ali caminharam também. De início, para ir à missa. Depois, por muitos e variados motivos, entre os quais fazer e aprovar as leis do país.

Os Sinos

Quem sabe que o Palácio foi convento não se admira nada de encontrar sinos no átrio principal.



Os Arcos do Átrio – antigas capelas

No tempo em que S. Bento era um convento, os arcos abriam-se para capelas laterais, cada uma destinada a seu santo. Agora estão tapados com paredes e formam uma espécie de nichos, cada um destinado ao busto de uma personalidade. O mais importante é, sem dúvida, o do poeta Luís de Camões.



Luís de Camões
(1525?-1580)

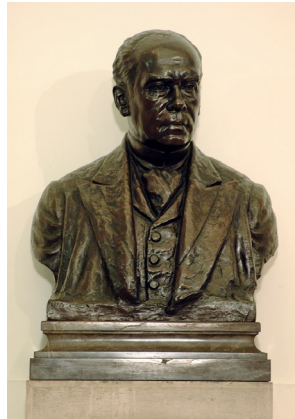
Escultor: José Aurélio
(1928-)

O maior poeta português, autor de *Os Lusíadas*. Segundo a tradição, num naufrágio salvou a obra nadando com um braço fora da água para segurar o manuscrito.



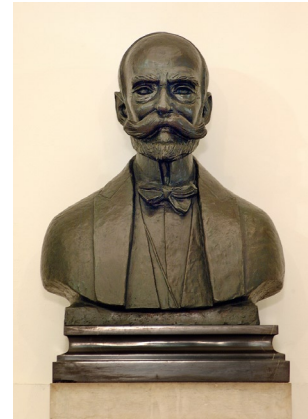
Hintze Ribeiro
(1849-1907)
Escultor: **Maximiano Alves**
(1888-1954)

Deputado, Ministro e Chefe do Governo da Monarquia Constitucional.



António Cândido
(1852-1922)
Escultor: **Maximiano Alves**
(1888-1954)

Deputado e Ministro da Monarquia Constitucional. Famoso pelos seus discursos.



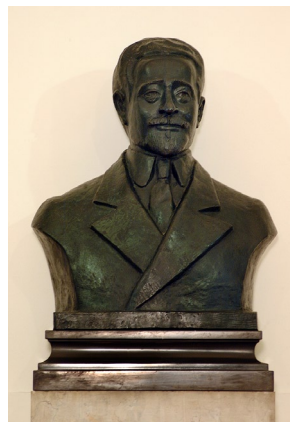
Bernardino Machado
(1851-1944)
Escultor: **António Duarte**
(1912-1998)

Deputado, Par do Reino e Ministro da Monarquia Constitucional. Presidente da República eleito em 1915 e reeleito em 1925.



António José de Almeida
(1866-1929)
Escultor: **Joaquim Correia**
(1920-)

Deputado Republicano no tempo da Monarquia, Ministro e Presidente da República eleito em 1919. Famoso pelos seus discursos que atraíam multidões.



Afonso Costa
(1871-1937)
Escultor: **António Paiva**
(1926-1987)

Deputado na Monarquia Constitucional, Ministro da Primeira República e responsável pela modernização das leis do país que asseguraram direitos fundamentais aos cidadãos.



Henrique de Barros
(1904-2000)
Escultor: **Lagoa Henriques**
(1923-)

Deputado à Assembleia Constituinte, da qual foi Presidente em 1976. Ministro de Estado do 1.º Governo Constitucional pós-25 de Abril e Conselheiro de Estado.



O Jardim

O Jardim

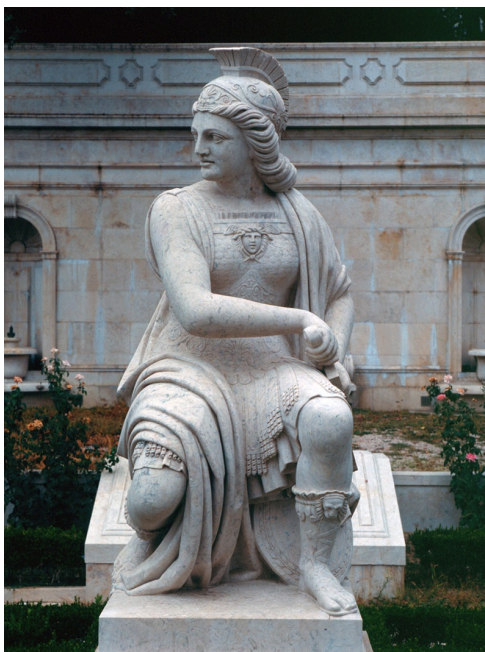
O átrio comunica com um belo jardim imaginado pelo arquitecto Cristino da Silva. Os canteiros são de inspiração francesa. Um muro com fontes e nichos serve de remate. Ao centro uma escadaria dupla dá acesso ao jardim da residência do Primeiro-Ministro.

- ① Escadaria dupla
- ② Fontes
- ③ Esfinges
- ④ Estátua que simboliza a Força
- ⑤ Estátua que simboliza a Justiça



De um lado e do outro destacam-se esfinges de pedra da autoria do escultor Leopoldo de Almeida.

No jardim, entre os canteiros, existem estátuas de autor desconhecido que representam a Força e a Justiça.





O Claustro

O Convento tinha dois claustros onde os monges passeavam, jardinavam, rezavam, meditavam. Quando o tempo permitia aí se instalavam a ler ou a escrever textos.

Só este Claustro chegou aos nossos dias. Está decorado com quatro canteiros, havendo uma oliveira em cada um.





Ao centro do Claustro há um pequeno lago com repuxo. A água corre de uma concha que serve de chapéu a um menino acompanhado de golfinhos.

Estátuas no Claustro

No Claustro estão bustos de Deputados que se distinguiram depois do 25 de Abril de 1974.

A escolha recaiu sobre pessoas que se distinguiram por representarem valores da democracia.



Natália Correia
(1923-1993)

Escultor: João Cutileiro
(1937 -)

Grande poeta. Distinguiu-se por defender a liberdade da mulher. Inventou o feminino de Pátria, a palavra **Mátria**, que usou num dos programas que fez para a televisão.



Adelino Amaro da Costa
(1943-1980)

Escultor: Domingos Soares Branco
(1925 -)

Orador convicto na defesa dos seus ideais. Morreu num trágico acidente de aviação que também vitimou o Primeiro-Ministro Sá Carneiro.



Alda Nogueira
(1923-1998)

Escultor: António Trindade
(1936 -)

Exemplo de coragem na luta contra a ditadura.

Mais Estátuas no Vestíbulo



Sá Carneiro
(1934-1980)

Escultor: **Carla Gonçalves**
(1971 -)

Deputado antes e depois do 25 de Abril. Foi Primeiro-Ministro em 1980. Notável orador e político de grande coragem.



Salgado Zenha
(1923-1993)

Escultor: **Carla Gonçalves**
(1971 -)

Advogado famoso, foi Deputado depois do 25 de Abril e Ministro da Justiça.

No vestíbulo, que sai do Claustro e dá acesso à Escadaria Nobre, encontram-se bustos de outros Deputados.



José Maria Alpoim
(1858-1916)

Escultor: **Costa Mota (sobrinho)**
(1877 - 1956)

Político e jornalista famoso, foi também Ministro da Monarquia Constitucional.



Francisco Margiochi
(1812-1879)

Escultor: **Anatole Calmels**
(1822 -1906)

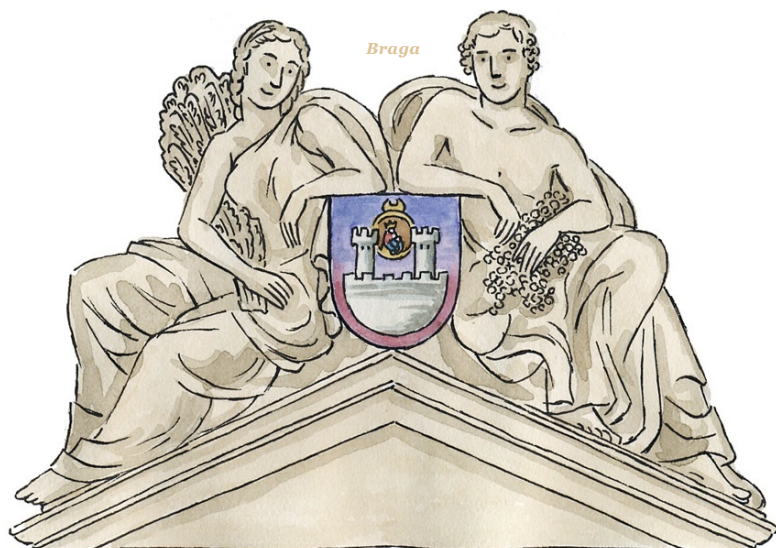
Matemático ilustre, foi Par do Reino durante a Monarquia Constitucional.



Escadaria Nobre

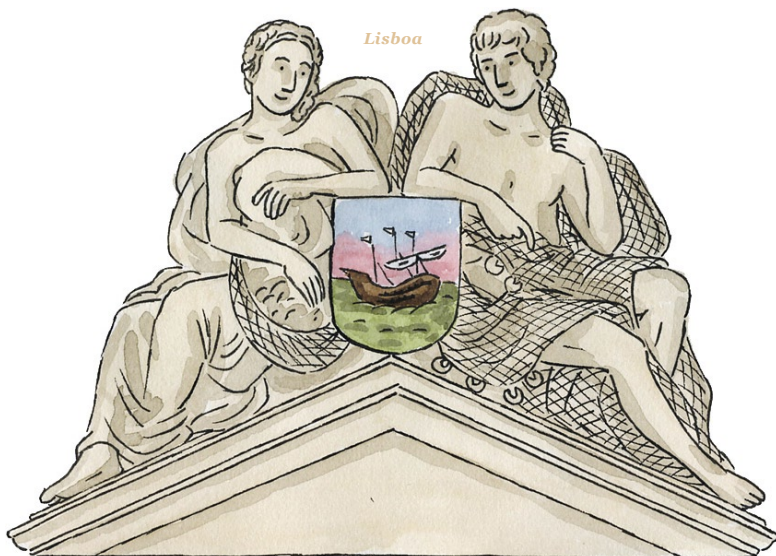
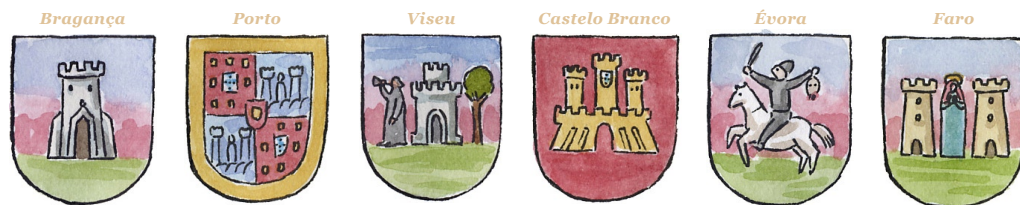
A Escadaria Nobre substituiu a antiga escada do Convento. Foi projectada pelo arquitecto Ventura Terra e completada pelo arquitecto António Lino, que dirigiu a construção em 1936-37. Dá acesso às duas salas principais: a Sala das Sessões e a Sala do Senado. O candeeiro da Escadaria Nobre pesa mil quilos.





A Decoração das Portas

No topo da Escadaria há oito portas rematadas por frontões com figuras esculpidas, com símbolos de províncias e brasões de cidades de Portugal. As esculturas são da autoria de Leopoldo de Almeida.



As Pinturas As Pinturas

As paredes do andar superior da Escadaria estão decoradas com dois conjuntos de telas de Martins Barata. À direita está “A Defesa da Pátria” que representa as Cortes de Leiria e à esquerda está “A Prosperidade da Nação” que representa a indústria, a agricultura e o comércio.

Painel representando as Cortes de Leiria

Segundo a tradição, em 1254 o povo foi chamado pela primeira vez às Cortes. Reinava D. Afonso III e tinham terminado as lutas com os mouros depois da conquista definitiva do Algarve, em 1249. As Cortes de Leiria tornaram-se um símbolo importante por terem sido as primeiras em que estiveram representados elementos da nobreza, do clero e do povo. Por isso foram escolhidas para decorar a zona que dá acesso às salas onde se reúnem os deputados.



Elementos do Clero
Com as vestes próprias e símbolos religiosos como cruzes e báculos de bispo.



Castelo de Leiria
O Rei, D. Afonso III, no trono, rodeado de funcionários e de homens do povo.



Elementos da Nobreza
com os trajos ricos próprios do seu grupo social.

Painel representando a Prosperidade da Nação

O painel foi pintado para decorar a zona onde, na época, se reunia a Câmara Corporativa, que representava as actividades produtivas da Nação: agricultura, indústria e comércio.



A Agricultura
É representada por trabalhadores rurais, um arado e uma junta de bois, um cesto de fruta, etc.



A Indústria
Para representar a Indústria o artista escolheu figuras como, por exemplo, o ferreiro com o seu martelo e a sua bigorna, e santos padroeiros de várias profissões.



O Comércio
Quanto ao Comércio está representado por mercadores a oferecer os seus produtos e por uma nau ao fundo a evocar o comércio marítimo.



A Sala do Senado

O aposento que se chama Sala do Senado foi construído na área da antiga Sala do Capítulo do Convento, de acordo com o projecto do arquitecto francês Jean-François Colson, para ali se reunirem os Pares do Reino. Como ao longo dos tempos o Parlamento foi sendo alterado, esta Sala veio a ser usada para vários tipos de reuniões. Actualmente está equipada com cabines de tradução simultânea, que permitem a realização de conferências internacionais.



Sessão da Câmara dos Pares do Reino, em 1867.

A Sala do Senado ao longo dos tempos

Datas em que funcionou nesta Sala a Câmara dos Pares do Reino:

De 1834 a 1838 e de 1842 a 1910.

Durante estes períodos da História de Portugal esteve em vigor a Carta Constitucional, que criou duas Câmaras: a Câmara dos Deputados da Nação e a Câmara dos Pares do Reino.

Datas em que funcionou nesta Sala a Câmara dos Senadores:

De 1838 a 1842.

Quando esteve em vigor uma nova Constituição que criou outras duas Câmaras: a Câmara dos Senadores e a Câmara dos Deputados.

De 1911 a 1926.

Quando vigorou a primeira Constituição republicana, havia duas Câmaras: a Câmara dos Deputados e o Senado. Ainda hoje esta Câmara se chama Sala do Senado.

Datas em que funcionou nesta Sala a Câmara Corporativa:

De 1933 a 1974.

Em 1933, aprovou-se uma nova Constituição. A Assembleia passou a ter a Câmara de Deputados e a Câmara Corporativa. Desta faziam parte representantes das autarquias locais e elementos dos grupos profissionais. A Câmara Corporativa tinha como função dar pareceres.

A partir da aprovação da Constituição de 1976, a Assembleia da República ficou só com uma Câmara de Deputados. Actualmente é usada para reuniões de grupos e de comissões parlamentares, para conferências e seminários. Também é na Sala do Senado que funciona o Parlamento dos Jovens.

Sessão do “Parlamento dos Jovens” na Sala do Senado





A Sala do Senado tem a forma de um semicírculo, em anfiteatro.

- ① Clarabóia de vidro que proporciona luz natural.
- ② Pinturas que imitam relevo e portanto enganam a vista – a esse efeito chama-se «trompe-l’oeil» (São da autoria do pintor Pierre Bordes).
- ③ Colunas de mármore.
- ④ Chão de madeira com desenhos embutidos de pau-cetim.
- ⑤ Cadeiras dispostas em semicírculos sobre estrados a vários níveis (aí se sentavam os Pares do Reino, os Senadores e mais tarde os Procuradores).
- ⑥ Camarotes e varandas com decorações em metal fundido.
- ⑦ Tribuna destinada à mesa da Presidência.
- ⑧ Púlpito do orador (aí subia quem quisesse expor um assunto).



Na parede encontra-se um retrato de D. Luís, que era rei na época em que se inaugurou a Sala. Foi pintado em 1866, por José Rodrigues e está colocado sobre uma espécie de manto esculpido em madeira que imita a pele de arminho (material usado pelos reis) e está levantado por dois génios com asas que simbolizam a Realeza e a Justiça.

Na Sala há vários bustos representando personalidades da época do liberalismo, que presidiram à Câmara dos Pares.

Ilustrações inspiradas nos bustos da Sala do Senado



Duque de Palmela

(1781-1850)

Escultor: **Araújo Cerqueira**
(1805-1855)

Grande político e diplomata. Acompanhou D. Pedro na guerra civil. Depois da vitória do liberalismo, assumiu os mais altos cargos e foi Presidente da Câmara dos Pares.

D. Guilherme Henriques de Carvalho

(1793 - 1857)

Escultor: **Manuel Bordalo Pinheiro**
(1815 - 1880)

Eleito Deputado em 1838, começa por exercer o cargo de Presidente da Câmara, para o qual é reeleito em 1840.





Duque da Terceira
(1792-1860)

Escultor: **Manuel Bordalo Pinheiro**
(1815-1880)

Político e militar.
Usava o título de conde de Vila Flor, mas como acompanhou D. Pedro à Ilha Terceira e comandou o exército liberal em terra recebeu o título de Duque da Terceira.



Conde do Lavradio
(1796-1870)

Escultor: **Miguel Santos**
(-)

Diplomata e político.
Foi incumbido de zelar pela segurança de D. Maria II.
Negociou e assinou o contrato de casamento da rainha com D. Fernando de Saxe-Coburgo Gotha.



Duque de Loulé
(1804-1875)

Escultor: **Anatole Calmels**
(1822-1906)

Militar e político.
Distinguiu-se também por ser considerado o homem mais bonito da Europa.
Casou com a princesa Ana de Jesus Maria, filha mais nova de D. João VI, que se apaixonou perdidamente por ele.
Naquela época as princesas só casavam com príncipes, mas a rainha abriu uma exceção porque a filha ficou grávida antes de casar.

Duque de Saldanha
(1790-1876)

Escultor: **Alberto Nunes**
(1838-1912)

Grande general que em muito contribuiu para a vitória do liberalismo.
Veio a desempenhar os mais altos cargos no reinado de D. Maria II.





Duque de Ávila e Bolama

(1806-1881)

Escultor: **Simões de Almeida (tio)**
(1844-1926)

Político famoso e homem muito culto. Desempenhou importantes funções nos Açores, sua terra natal. Foi Ministro e Presidente da Câmara dos Pares.



Fontes Pereira de Melo

(1819-1887)

Escultor: **Simões de Almeida (tio)**
(1844-1926)

Político notável que modernizou o país. Entre as suas múltiplas iniciativas destaca-se o desenvolvimento das vias de comunicação: estradas e caminho-de-ferro.

Por cima das portas dois medalhões em mármore branco, representam os primeiros monarcas liberais.



D. Pedro IV



D. Maria II



O Busto da República

No andar superior do claustro encontra-se um busto de mulher que representa a República. O original foi esculpido em 1908, por Simões de Almeida (sobrinho), que seguiu o tipo de figura imaginada, em 1830, pelo pintor francês Delacroix e que se tornou uma espécie de modelo obrigatório para representar a República.





A Galeria dos Presidentes da Assembleia

No andar superior do claustro há uma galeria onde estão pinturas representando personalidades que foram Presidentes da Assembleia da República depois de 25 de Abril.

- 1 **Henrique de Barros**² 1975-1976
Pintor: **Pedro Girão** | 1997
- 2 **Vasco da Gama Fernandes** 1976-1978
Pintor: **Pedro Girão** | 1997
- 3 **Teófilo Carvalho dos Santos** 1978-1980
Pintor: **Pedro Girão** | 1997
- 4 **Leonardo Ribeiro de Almeida** 1980 e 1982-1983
Pintor: **Fernando Alves de Sousa** | 1997
- 5 **Francisco de Oliveira Dias** 1981-1982
Pintor: **Maria Antónia Machado** | 1997
- 6 **Tito de Moraes** 1983-1984
Pintor: **Pinheiro de Santa Maria** | 1998
- 7 **Fernando Amaral** 1984-1987
Pintor: **Fernando Alves de Sousa** | 1997
- 8 **Vítor Crespo** 1987-1991
Pintor: **Maluda** | 1997
- 9 **Barbosa de Melo** 1991-1995
Pintor: **Ana Duarte de Almeida** | 1997
- 10 **Almeida Santos** 1995-2002
Pintor: **António Macedo** | 2002
- 11 **Mota Amaral** 2002-2005
Pintor: **João Cruz Rosa** | 2005
- 12 **Jaime Gama** 2005-
Ainda não tem retrato

² Presidente da Assembleia Constituinte



Na mesma galeria encontra-se um relógio que se pensa ter pertencido aos monges que habitaram o Convento.



*William Trippett & Jacob Garon
Londres, C. 1730*



O Salão Nobre

O Salão Nobre foi construído no século XX, para recepções oficiais, segundo projecto de Pardal Monteiro.

- 1 Tecto em a forma de cilindro cortado ao meio, ou seja, abóbada de berço feita em caixotões de estuque. A iluminação cria a ilusão de que são quadrados de vidro.
- 2 Chão em quadrados de madeira.
- 3 Cinco pilares revestidos de mármore e embutidos de bronze, decorados com cruzeiros de Cristo e Santiago, caravelas e quinas.
- 4 Painéis que representam cenas da História de Portugal.

As paredes do Salão Nobre estão decoradas com sete painéis que representam cenas da História de Portugal. Quem as imaginou foi o pintor Sousa Lopes. Mas só teve tempo de concluir um painel porque morreu em 1944. Outros pintores executaram os seus esboços.

1



2



3



1 **Infante D. Henrique**

O Infante D. Henrique na praia de embarque junto dos navegadores. Os botes dirigem-se às caravelas ancoradas ao largo de Sagres.

Pensa-se que foi o único pintado por Sousa Lopes, em 1944.

2 **Conquista de Ceuta**

Os portugueses entram pela porta da muralha da cidade de Ceuta, em 1415. Um bispo ergue a cruz para abençoar a luta dos cristãos contra os mouros no Norte de África.

Pintado por Domingos Rebelo, em 1945.

3 **Diogo Cão**

Diogo Cão conversa com africanos na foz do Rio Zaire depois de ter colocado em terra um padrão com o escudo do Rei D. João II, em 1482.

Pintado por Joaquim Rebocho.

4 **Bartolomeu Dias**

Bartolomeu Dias, o descobridor da passagem do Oceano Atlântico para o Oceano Índico, em plena tempestade, junto ao Cabo das Tormentas, que o Rei D. João II baptizou de Cabo da Boa Esperança, em 1487.

Pintado por Domingos Rebelo, em 1944.

5 **Pedro Álvares Cabral**

Pedro Álvares Cabral desembarca no Brasil com os seus companheiros. Os índios assistem à implantação da cruz na praia, em 1500.

Pintado por Joaquim Rebocho.

6 **Afonso de Albuquerque**

Afonso de Albuquerque conquista a cidade de Malaca, importante porto comercial do Oceano Índico, em 1511.

Pintado por Domingos Rebelo, em 1945.

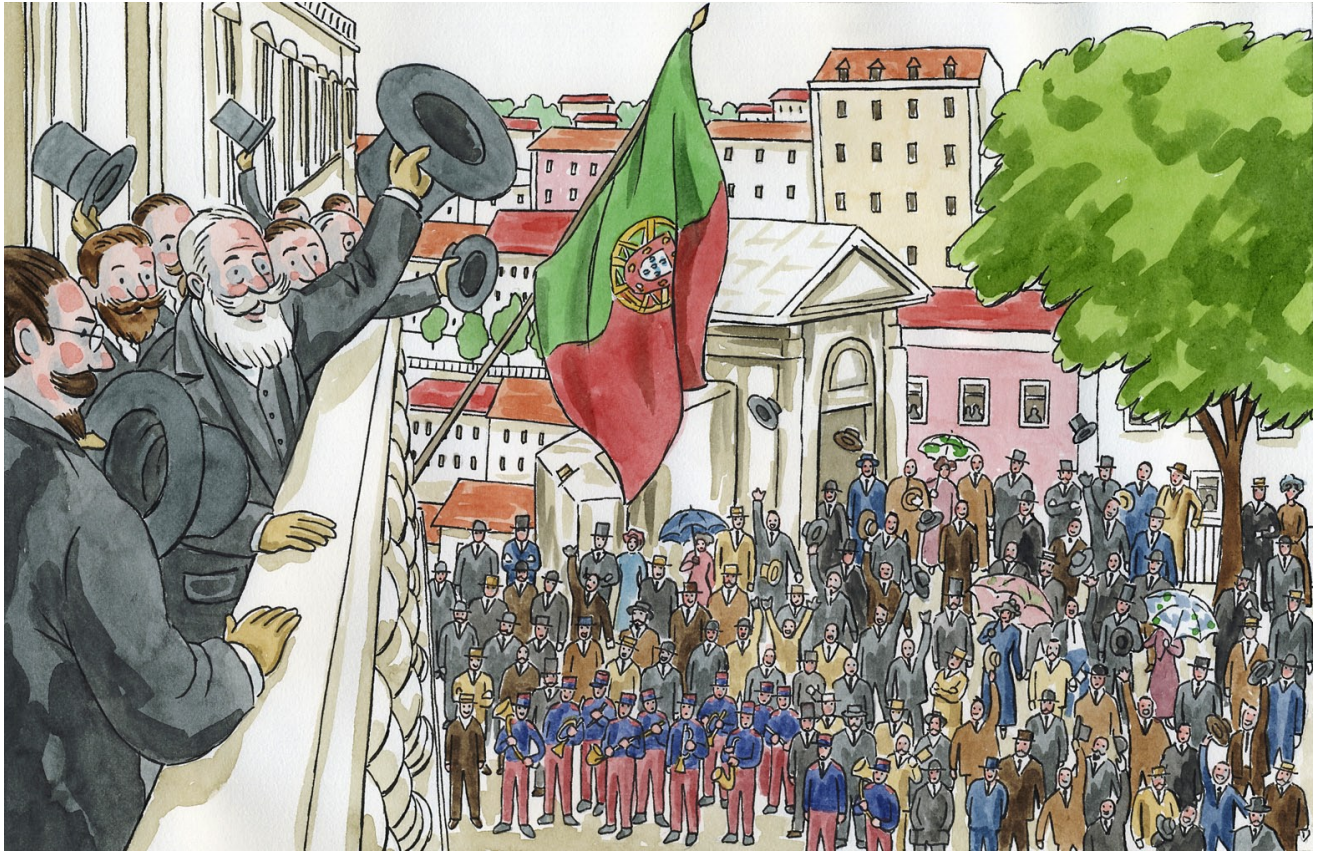


7 **Vasco da Gama**

Vasco da Gama com os emissários do Samorim na praia de Calecute, em 1498. As naus S. Rafael, S. Gabriel e Bérrio estão ancoradas ao longe.

Pintado por Domingos Rebelo, em 1945.

No Salão Nobre abre-se a única varanda da fachada principal que dá para o Largo das Cortes.



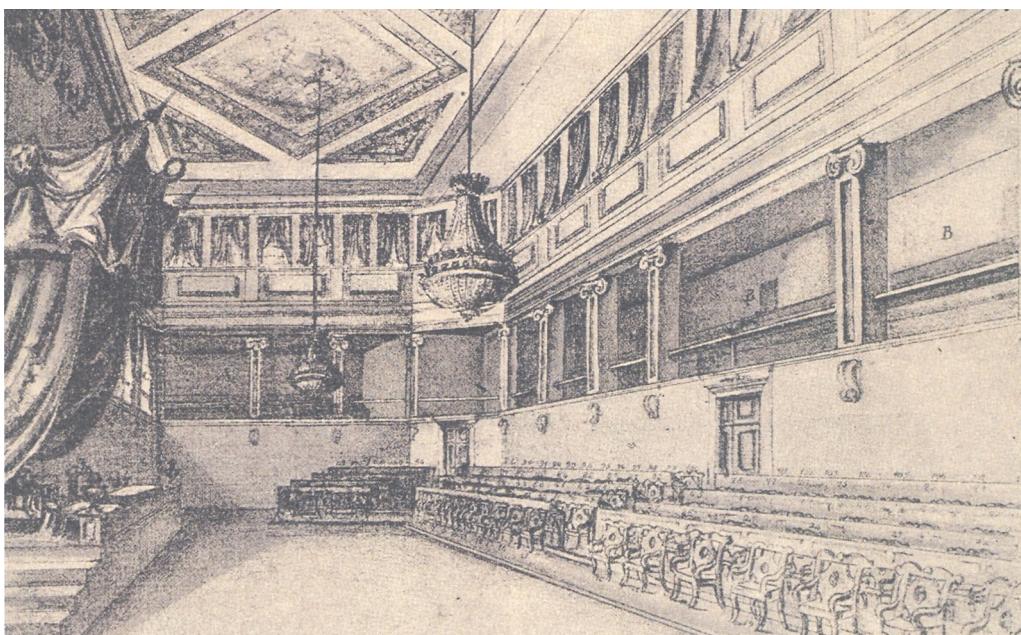
Foi na varanda do Palácio de S. Bento que Anselmo Braamcamp Freire, Presidente da Assembleia Constituinte em 1911, anunciou ao povo que os Deputados tinham aprovado por decreto a abolição da Monarquia e a implantação da República, tornando oficial a proclamação feita na Câmara Municipal, a 5 de Outubro de 1910.



A Sala das Sessões

Esta é a sala principal do Palácio de S. Bento e já toda a gente a viu na televisão. É aqui que se reúnem os Deputados nas sessões plenárias, em que debatem questões importantes para o país e votam as leis. É também aqui que o Primeiro-Ministro e os Ministros apresentam o Programa de Governo à Assembleia e prestam esclarecimentos sempre que solicitados pelos Deputados dos vários partidos.

A Sala das Sessões foi inaugurada em 1903, depois das obras de reconstrução que se seguiram ao incêndio de 1895. Tem uma planta semicircular, em anfiteatro. Os mármore, as madeiras, o tom dos estofos e os enfeites dourados conferem à sala uma atmosfera suave e agradável.



Câmara dos Deputados antes do incêndio

Na época da Monarquia Liberal funcionava no edifício a Câmara dos Deputados, mas as chamas reduziram-na a cinzas.

Depois do incêndio, em vez de se realizarem apenas os restauros indispensáveis, decidiu-se encomendar um projecto novo para reconstruir a Câmara dos Deputados e tornar o edifício mais bonito e mais adequado às importantes funções a que se destinava. O arquitecto encarregue da obra – Miguel Ventura Terra – conferiu ao Palácio de S. Bento um aspecto realmente solene. Foi ele quem imaginou a Sala das Sessões tal como é hoje.



- ① Bancadas dos Deputados. Dispõem-se a vários níveis, são de madeira e têm cadeiras estofadas em cabedal. Os Deputados sentam-se de acordo com o partido político a que pertencem.
- ② Mesa da Presidência onde se sentam o Presidente da Assembleia da República e os Secretários da Mesa.
- ③ Púlpito para o orador.
- ④ Tribuna destinada ao Governo.
- ⑤ Tribunas reservadas. Destinam-se a receber embaixadores estrangeiros ou outros elementos do corpo diplomático e pessoas importantes do país.
- ⑥ Galerias destinadas ao público que queira assistir às sessões. Podem acolher 660 pessoas e não há lugares reservados.
- ⑦ Bancada para os jornalistas e outros representantes da comunicação social.
- ⑧ Mesas para os serviços de apoio.
- ⑨ Estátua da República.

O tecto, com decorações em estuque e com pinturas, tem uma clarabóia de vidro e ferro que proporciona uma luz natural muito agradável.

Por cima da Mesa do Presidente está uma pintura, que representa as Cortes Constituintes de 1821, que funcionaram na Biblioteca do Convento das Necessidades e que deram origem à primeira Constituição portuguesa, em 1822.



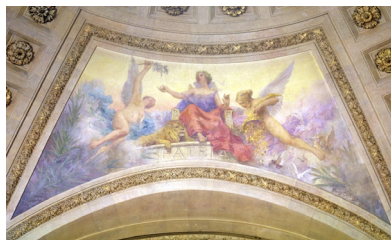
O pintor, Veloso Salgado, realizou o trabalho em 1923. Antes de decidir sobre a maneira de apresentar a cena fez muitos estudos e esboços. Incluiu cinquenta Deputados e pôs como orador Manuel Fernandes Tomás, um dos responsáveis pela Revolução de 1820.

A esta pintura chama-se “luneta” devido ao seu formato arredondado. Tem uma cercadura com os brasões de cidades portuguesas e inclui os brasões de antigas colónias, obras do pintor Benvindo Ceia.

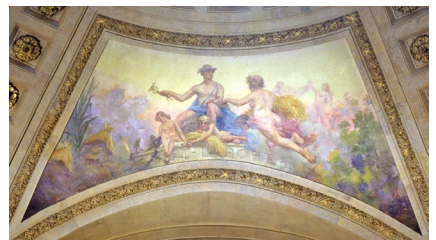
No tecto há três grandes painéis da autoria de Alves Cardoso.



Estas figuras representam a Ciência, as Artes e as Indústrias



Aqui a alegoria representa a Pátria, a Paz e a Fortuna



Neste painel estão o Comércio e a Agricultura

A Estátua da República



Naturalmente a estátua principal da sala representa a República.

É feita em gesso e está colocada num lugar de honra, num nicho por trás da mesa da Presidência virada de frente para os Deputados.

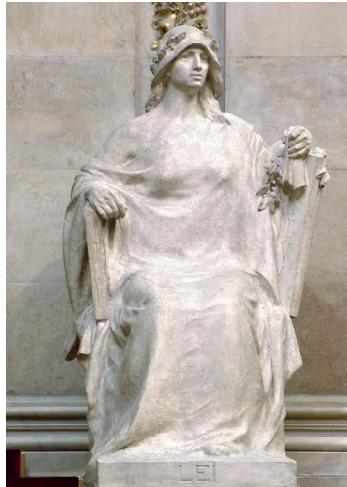
No tempo da Monarquia encontrava-se neste lugar uma estátua do rei.

A figura tem um barrete na cabeça, um barrete frígio que os franceses utilizaram como símbolo do novo sistema político e se generalizou. O escultor, Anjos Teixeira (1880-1935), colocou-lhe na mão a esfera armilar, o escudo e as quinas da bandeira portuguesa.

Ao longo das galerias foram colocadas seis estátuas de gesso, figuras femininas cada uma com o seu significado.



Constituição
Escultor: Simões de Almeida
(sobrinho) (1880-1950)



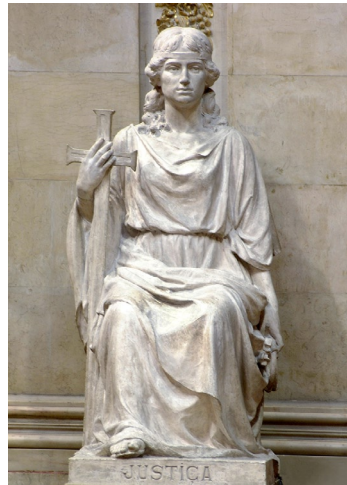
Lei
Escultor: Francisco Santos
(1878-1930)



Jurisprudência
Escultor: Costa Motta (tio)
(1826-1930)



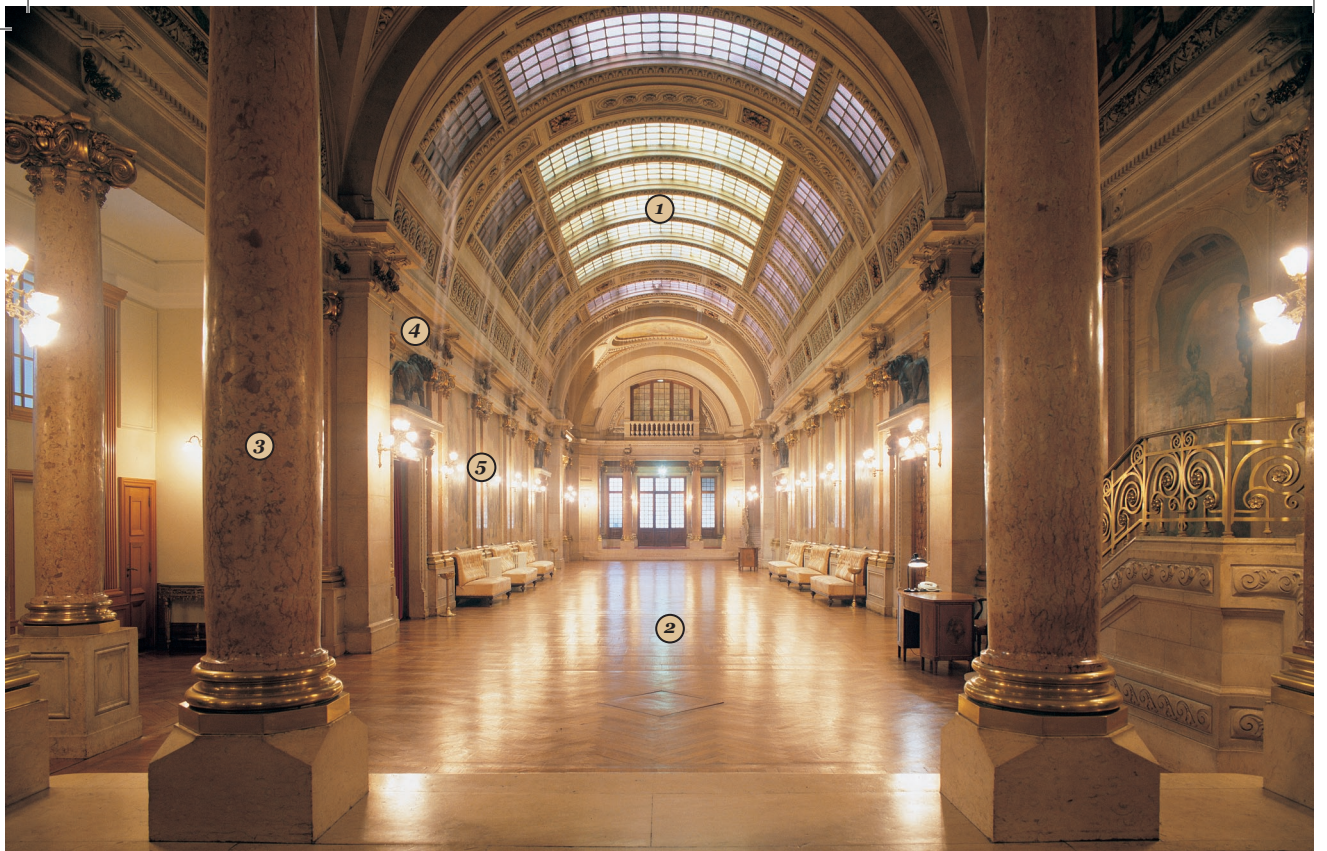
Eloquência
Escultor: Júlio Vaz Júnior
(1877-1923)



Justiça
Escultor: Costa Mota (sobrinho)
(1877-1956)



Diplomacia
Escultor: Maximiano Alves
(1888-1954)



Os Passos Perdidos

Chama-se Passos Perdidos a uma sala que fica junto à Sala das Sessões, onde é frequente haver conversas e encontros entre Deputados, membros do Governo e jornalistas. Por isso toda a gente já viu este espaço na televisão.

Pensa-se que o nome surgiu porque era frequente as pessoas que queriam falar com os Deputados esperarem ali imenso tempo. E, para matar o tempo, caminhavam de um lado para o outro, dando passos pequenos ou grandes passadas conforme a impaciência.

- ① Tecto em abóbada de berço, onde se abrem quadrados de vidro amarelo e rosado.
- ② Chão em soalho de madeira polida, que reflecte a luz, criando-se uma atmosfera dourada.
- ③ Colunas de mármore rosa com bases de bronze dourado.
- ④ Paredes de mármore branco e rosa.
- ⑤ Pilares duplos.

As Pinturas dos Passos Perdidos

Os painéis dos Passos Perdidos são de um grande pintor português chamado Columbano Bordalo Pinheiro. Representam figuras da História de Portugal que se distinguiram como políticos ou como oradores. Columbano agrupou em cada um dos painéis três ou quatro figuras de épocas muito diferentes. Só observando as feições, a pose e os trajos se consegue descobrir quem são e em que época viveram.

1 **Rei D. Dinis** (1261-1325)

Foi um rei-poeta de grande cultura, que ganhou prestígio internacional. Desenvolveu o país, fundou a primeira Universidade portuguesa em 1290 e ordenou que os documentos oficiais deixassem de ser em latim e passassem a ser escritos em português.

2 **João das Regras** (-1404)

Foi um grande político e jurista (homem de leis). A sua acção na crise de 1383-1385 e os seus discursos nas cortes foram fundamentais para que o Mestre de Avis subisse ao trono como D. João I e assim Portugal mantivesse a independência.

3 **Rei D. João II** (1455-1495)

Foi um rei com grande visão de futuro que pôs em prática projectos muito bem planeados para desenvolver a Expansão Marítima Portuguesa. No seu reinado, Bartolomeu Dias navegou até ao extremo sul da África e descobriu a passagem do oceano Atlântico para o oceano Índico.



1 **Felipe Moniz** (1515 - c.1580)

Em 1580 já era velho, mas defendeu com grande coragem que o país não devia unir-se à Espanha. Veio a ser perseguido e preso quando o rei de Espanha, Filipe II, subiu ao trono de Portugal. Morreu pouco depois.

2 **Padre António Vieira** (1608 - 1697)

Missionário jesuíta muito culto, viveu muitos anos no Brasil, então colónia portuguesa, e tomou posições firmes e corajosas na defesa dos direitos dos índios. Foi um grande orador. Os seus discursos são considerados uma obra-prima da literatura portuguesa.

3 **D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3.º Conde de Castelo Melhor** (1636 - 1720)

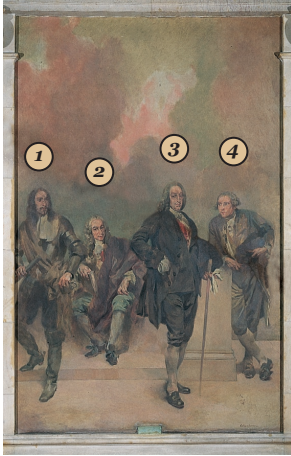
Político e militar muito activo na época da Restauração, contribuiu para assegurar a independência nacional em 1640.

Em 1667, caiu em desgraça, foi condenado a partir para o exílio em Inglaterra, de onde só voltou passados vinte anos. Nessa altura o Rei D. João V chamou-o para o Conselho de Estado.



4 **João Pinto Ribeiro** (data incerta - 1649)

Jurista e homem de cultura, em 1640 empenhou-se muito na Revolução de 1 de Dezembro, que restaurou a independência de Portugal e colocou no trono o duque de Bragança (D. João IV), de quem era secretário.



1 *D. Luís de Menezes, 3.º conde de Ericeira* (1632-1690)
Foi militar na guerra da Restauração, mas ficou célebre sobretudo como político. Esforçou-se por desenvolver o país apoiando a indústria de tecidos e evitando a importação de produtos que fizessem concorrência aos produtos portugueses.

2 *D. Luís da Cunha* (1662-1740)
Diplomata de grande prestígio representou Portugal em missões ao mais alto nível. Foi também pensador e escritor de obras sobre política, que tiveram muita influência na época. Aconselhou o Rei D. José a escolher para ministro o Marquês de Pombal.

3 *Marquês de Pombal* (1699-1782)
Começou por ser diplomata e veio a ser o Primeiro-Ministro todo poderoso do reinado de D. José I (época do absolutismo). Foi o político responsável pela reconstrução de Lisboa, depois do terramoto de 1755 dando provas de coragem, competência e de abertura a novas ideias. Procurou modernizar o país.

4 *José Seabra da Silva* (1732-1813)
Político nos reinados de D. João V e de D. José foi adjunto do Marquês de Pombal. Em 1774, caiu em desgraça e foi desterrado durante quatro anos, primeiro no Brasil e depois em Angola. Voltou a assumir cargos de ministro no reinado de D. João VI.



1 *Manuel Fernandes Tomás* (1771-1822)
Jurista de grande prestígio, foi um dos responsáveis pela Revolução de 1820. Após a vitória do liberalismo foi Deputado, Presidente das Cortes Constituintes e Ministro.

2 *Borges Carneiro* (1774-1833)
Jurista de grande prestígio, foi um dos responsáveis pela Revolução de 1820. Foi eleito Deputado e publicou obras sobre Política e sobre Direito. Em 1828, com o regresso do absolutismo, foi preso e morreu na cadeia de Cascais, devido a uma epidemia de cólera.

3 *Joaquim António de Aguiar* (1792-1884)
Jurista de grande prestígio foi eleito Deputado em 1826. Com o regresso do absolutismo exilou-se em Londres. Depois do final da guerra civil regressou a Portugal e assumiu importantes cargos. É considerado o responsável pela extinção das Ordens Religiosas por ter sido o Deputado que apresentou a proposta que veio a ser aprovada no Parlamento. Essa medida valeu-lhe a alcunha de "o mata-frades". Em 1852, foi nomeado Par do Reino.

1 **Mouzinho da Silveira** (1780-1849)

Aderiu ao liberalismo quando ainda estudante em Coimbra. Foi eleito Deputado em 1826 e veio a revelar-se um fantástico legislador. Durante a guerra civil (1832-1834) acompanhou sempre D. Pedro e mesmo durante as campanhas militares dedicou-se de corpo e alma a elaborar leis destinadas a transformar o país num Estado liberal.

2 **Duque de Palmela** (1781-1850)

Diplomata e político de grande prestígio liderou o primeiro Governo Constitucional, depois da vitória dos liberais na guerra civil. Assumiu por várias vezes o cargo de Primeiro-Ministro e foi Presidente da Câmara dos Pares.

3 **Duque de Saldanha** (1790-1876)

Militar de grande prestígio foi Ministro e Presidente do Conselho de vários Governos Constitucionais.

4 **José da Silva Carvalho** (1782-1856)

Foi um dos responsáveis pela Revolução de 1820. Ministro após a vitória do liberalismo, veio a abandonar a carreira política, sendo então nomeado Presidente do Supremo Tribunal de Justiça.



1 **Passos Manuel** (1801-1862)

Líder da Revolução de Setembro de 1836, assumiu altos cargos no Governo. Preocupou-se com o desenvolvimento cultural e educativo do país, tornando-se o responsável pela Reforma do Ensino, que criou os Liceus. Fundou a biblioteca do Parlamento.

2 **Almeida Garrett** (1799-1854)

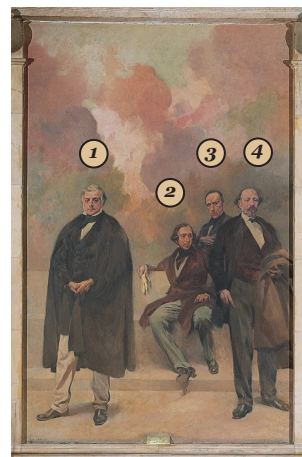
Grande escritor, defendeu sempre os ideais do liberalismo e teve uma intervenção muito activa na vida política do país. Com o regresso do absolutismo exilou-se em Inglaterra e veio a acompanhar D. Pedro durante a guerra civil. Enquanto Deputado, participou tão activamente na elaboração da Constituição de 1838 que a marcou com o seu estilo literário. Fundou o Conservatório de Arte Dramática e o Teatro Nacional e foi Ministro dos Negócios Estrangeiros.

3 **Alexandre Herculano** (1810-1877)

Grande escritor e historiador, defendeu sempre os ideais do liberalismo e teve uma intervenção muito activa na vida política do país. Nomeado director das Bibliotecas Reais da Ajuda e das Necessidades realizou um importante trabalho de investigação sobre a História de Portugal. Foi também Deputado dedicando-se especialmente às questões da Educação.

4 **José Estevão de Magalhães** (1809-1862)

Participou nas lutas contra o absolutismo, quando tinha apenas 19 anos. Foi Deputado e um dos mais brilhantes oradores do Parlamento Português da época do liberalismo.



O tecto dos Passos Perdidos também está decorado com pinturas.



Lei, Justiça e Sapiência

Pintor: **João Vaz**
(1859-1931)

Independência, Soberania e Pátria

Pintor: **Benvindo Ceia**
(1870-1941)





Representa Viriato
(herói lusitano que chefiou os Lusitanos na época da ocupação romana)
Pintor: **Benvido Ceia**
(1870-1941)

Ao fundo da Sala, no acesso à escadaria há outras pinturas.



Por cima das portas laterais foram colocados quatro leões de gesso.
Escultor: **José Neto**
(1875-1960)



Representa a Convenção de Évora-Monte *(Maio de 1834)*
(tratado que pôs fim à guerra civil entre liberais e absolutistas e enviou D. Miguel para o exílio)
Pintor: **João Vaz**
(1859-1931)

No acesso à sala onde se fazem reuniões com jornalistas e conferências de imprensa está exposta uma estátua em bronze que representa a República. Trata-se de uma cabeça de mulher esculpida, em 1911, por Francisco dos Santos, que ganhou o concurso promovido para o efeito pela Câmara Municipal de Lisboa.





Sala D. Maria II

A Sala D. Maria II foi concebida em meados do século XIX para a realização de conferências entre os Pares do Reino.

No chão, muito belo, há três tipos de madeiras preciosas – carvalho, pau-cetim e pau-santo – que formam desenhos geométricos.

O tecto está decorado com pinturas em *grisaille* (tonalidades de cinzento) em *trompe-l'oeil* (ilusão óptica) representando flores, plantas, figuras de deuses, como por exemplo Mercúrio, e retratos dos Presidentes da Câmara dos Pares, tal como o Duque de Palmela.

As paredes foram pintadas de modo a parecer que são forradas a mármore e estão decoradas com retratos de outros Presidentes da Câmara dos Pares.

O maior retrato representa a Rainha D. Maria II.

Esta Sala tem ainda uma lareira com a chaminé de mármore e azulejos.



Sala Acácio Lino

Esta Sala já foi utilizada para tantas e tão diferentes funções que ficou conhecida pelo nome do pintor que a decorou, entre 1922 e 1925, com pinturas representando episódios importantes da História de Portugal.



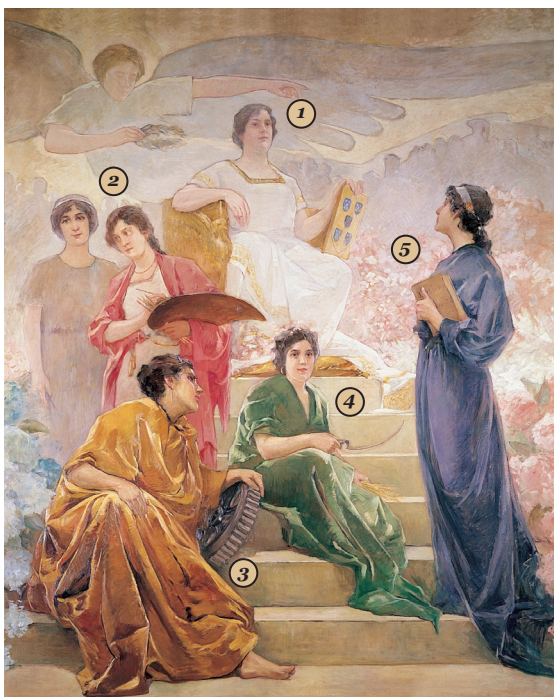
Batalha de S. Mamede em 1128. D. Afonso Henriques vence os partidários da mãe D. Teresa e fica a governar o Condado Portucalense.



Revolução de 1640. Os conspiradores que prepararam a restauração da independência assaltam o Palácio do Terreiro do Paço. A vice-rainha espanhola, Duquesa de Mântua, mostra-se surpreendida. Miguel de Vasconcelos, o traidor, esconde-se num armário.



O Marquês de Pombal planeia a reconstrução de Lisboa depois do terramoto de 1755.



Alegoria com figuras femininas

- ① *Pátria*
- ② *Artes*
- ③ *Indústria*
- ④ *Agricultura*
- ⑤ *História de Portugal*

Sala Lisboa ou Sala Lino António

Esta Sala também é conhecida pelo nome do pintor que a decorou, entre 1922 e 1925, com pinturas representando outros episódios da História de Portugal.



D. Afonso Henriques conquista Lisboa aos mouros.



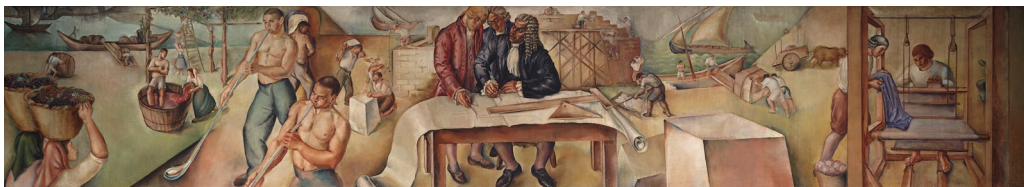
O Rei D. Dinis cria a primeira universidade portuguesa. Tem na mão um livro de poemas. Está enquadrado por cenas que lembram o desenvolvimento da agricultura, a que este Rei deu tanta atenção que lhe valeu o cognome de “O Lavrador”.



Pedro Álvares Cabral no Brasil.

O Infante D. Henrique e os Descobrimentos.

Vasco da Gama a chegar à Índia.



O Marquês de Pombal e as suas obras principais:

Demarcação da região do vinho do Porto.

Reconstrução de Lisboa.

Protecção da Indústria Portuguesa.



A Biblioteca

A Biblioteca

A Biblioteca situa-se no local de um dos antigos dormitórios dos monges.

As paredes estão cobertas por estantes de dois pisos com galerias de acesso, que foram montadas em 1936. Contém mais de cem mil volumes e possui um fundo de reservados com documentos preciosos e obras do século XVI e XVII.

Actualmente encontra-se aberta ao público e funciona como uma biblioteca do século XXI, onde não faltam revistas, jornais e computadores com acesso à *Internet*.

As bases de dados com toda a informação sobre a Assembleia da República estão acessíveis no sítio www.parlamento.pt.



Busto de Passos Manuel (1801-1862) - fundador da biblioteca criada em 1836, por decreto.
Escultor: Anatole Calmels (1822-1906)



O Refeitório dos Monges

O Refeitório ainda mantém uma parte do pavimento em mármore preto e branco onde circulavam os monges na hora das refeições.

As paredes estão decoradas com dezoito painéis de azulejos do século XVIII. Supõe-se que tenham sido feitos numa oficina de Lisboa, no tempo do Marquês de Pombal. Para a construção do refeitório, os monges obtiveram dinheiro com a venda de terrenos na zona de S. Bento a pessoas que, após o terramoto de 1755, se refugiaram nos pontos altos da cidade.

Onze painéis representam episódios da vida de S. Bento e os outros sete cenas comuns da época como caça ao veado, pesca à linha, um rapaz a recolher água de uma fonte, etc.



Painel de azulejos do Refeitório dos Monges

Este painel representa um milagre atribuído a S. Bento. Segundo a tradição, S. Bento adivinhou que um sacerdote, invejoso da sua fama, resolvera matá-lo, oferecendo-lhe um pão envenenado. Por intervenção do Santo, um corvo roubou-lhe o pão, comeu-o e logo caiu morto. No painel pode ver-se o corvo caído no chão.

Sala dos Arcos

A Sala dos Arcos funciona como sala de leitura do Arquivo Histórico. Aí se podem consultar documentos importantes dos quase 200 anos de História do Parlamento Português.



A Livraria

A Livraria está aberta ao público e tem à venda livros, CD-roms, medalhas e objectos que evocam e divulgam a actividade do Parlamento.



parlamentar **LIVRARIA** ■ ■ ■ ■





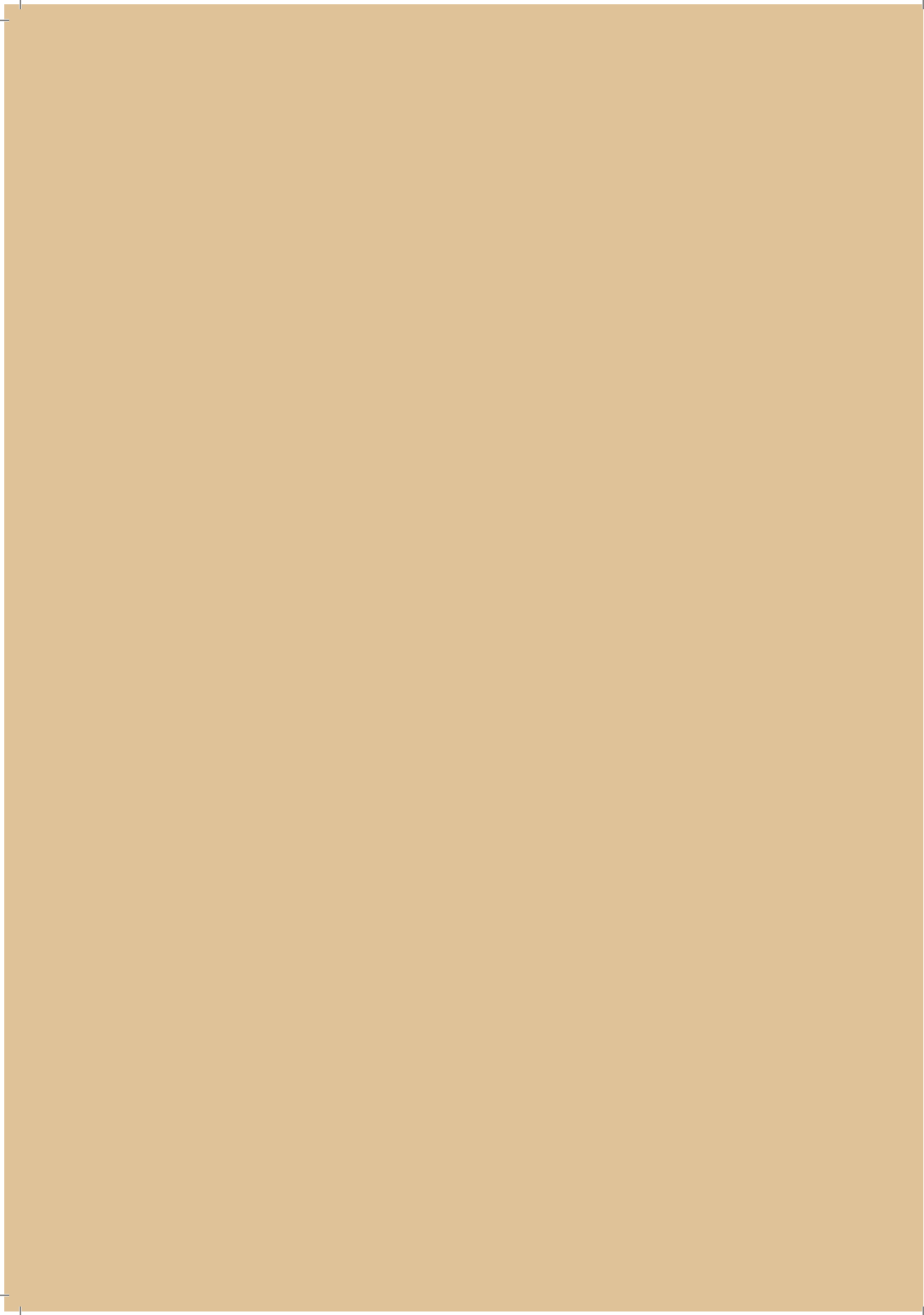
Jardim de S. Bento

O espaço entre o antigo Palácio de S. Bento e a ala construída no século XX é um lugar agradável e bem cuidado.

A única estátua colocada neste jardim, inaugurada em 1878, representa José Estevão de Magalhães (1809-1862), um dos mais célebres oradores do Parlamento Português.



Escultor: Vítor Bastos
(1830-1894)



Glossário

Abóbada de berço – Tecto em forma de berço virado para baixo.

Alegoria – Imagens que representam ideias, sentimentos, acontecimentos, etc. Por exemplo a figura de uma rapariga nova representando a Primavera ou de uma mulher crescida representando a República.

Arco de volta perfeita – Arco em forma de semicircunferência.

Báculos de bispo – Peça que tem a forma de uma bengala comprida com a ponta superior curva. Esta peça simboliza o poder religioso do bispo como pastor de almas.

Bigorna – Peça de ferro maciço sobre a qual o ferreiro bate e molda chapas ou barras metálicas.

Clarabóia – Janela de vidro fixa, que se coloca no telhado de um edifício para proporcionar iluminação natural.

Coluna compósita – As colunas de ordem compósita têm a parte de cima – o capitel – decorado com elementos decorativos de vários estilos.

Esfinge – Estátua com corpo de animal e cabeça humana. A mais famosa é a Esfinge do Egipto, que tem corpo de leão e cabeça humana.

Frontão – Remate em pedra que se coloca no topo da fachada de um edifício, geralmente o frontão contém elementos decorativos em relevo.

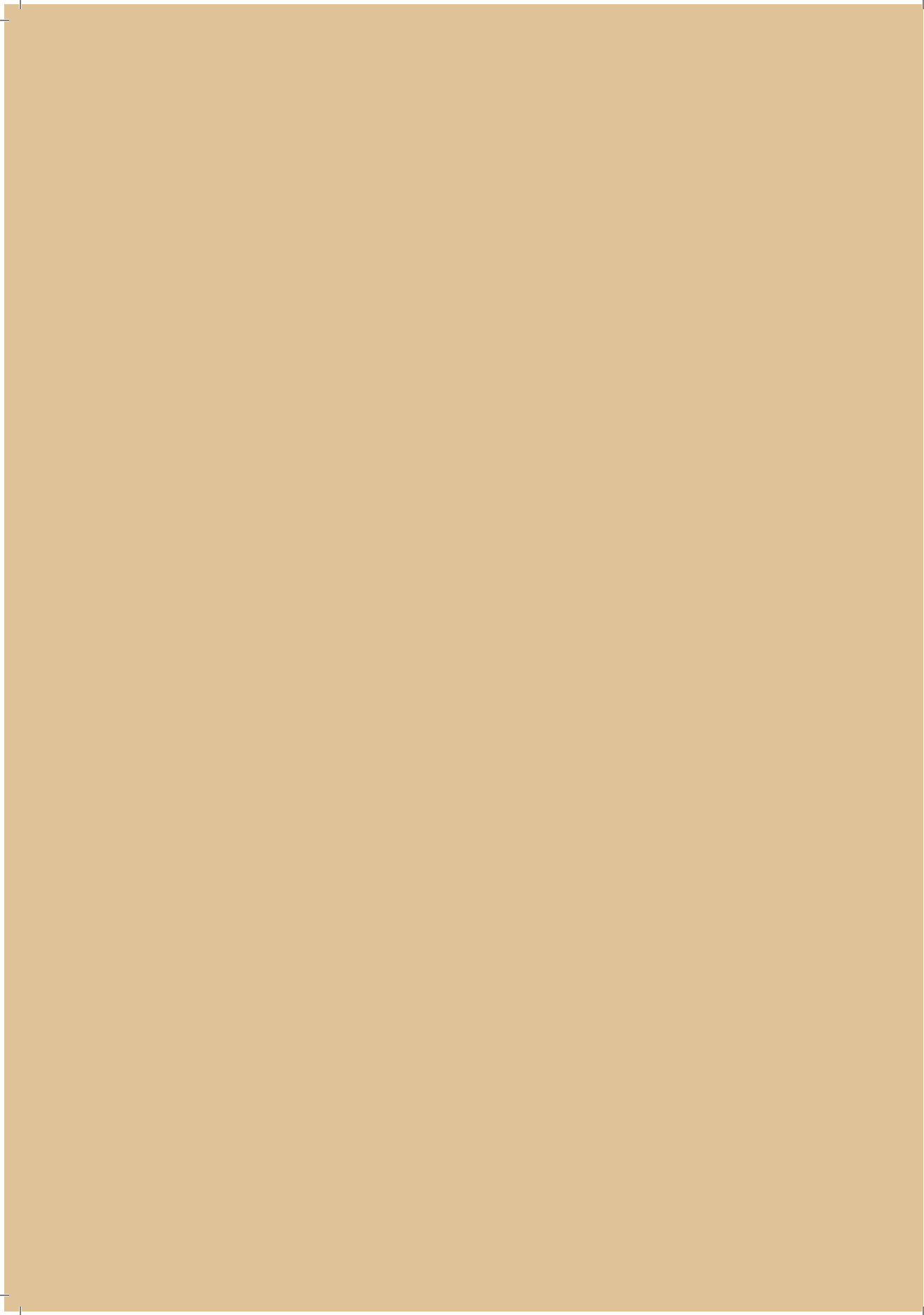
Galilé – Espécie de alpendre ou varandim, que existe em alguns edifícios monumentais, como igrejas e palácios.

Luneta – Janela fixa de forma circular ou oval, que se coloca na parede de um edifício para proporcionar iluminação natural.

Mísula – Espécie de pequena prateleira destinada a sustentar uma estátua, um vaso ou outro elemento decorativo.

Púlpito – Espécie de estrado alto destinado a colocar numa posição elevada uma pessoa que vai falar ao público. Este tipo de estrado tem uma protecção para a pessoa que fala ficar segura e se poder apoiar.

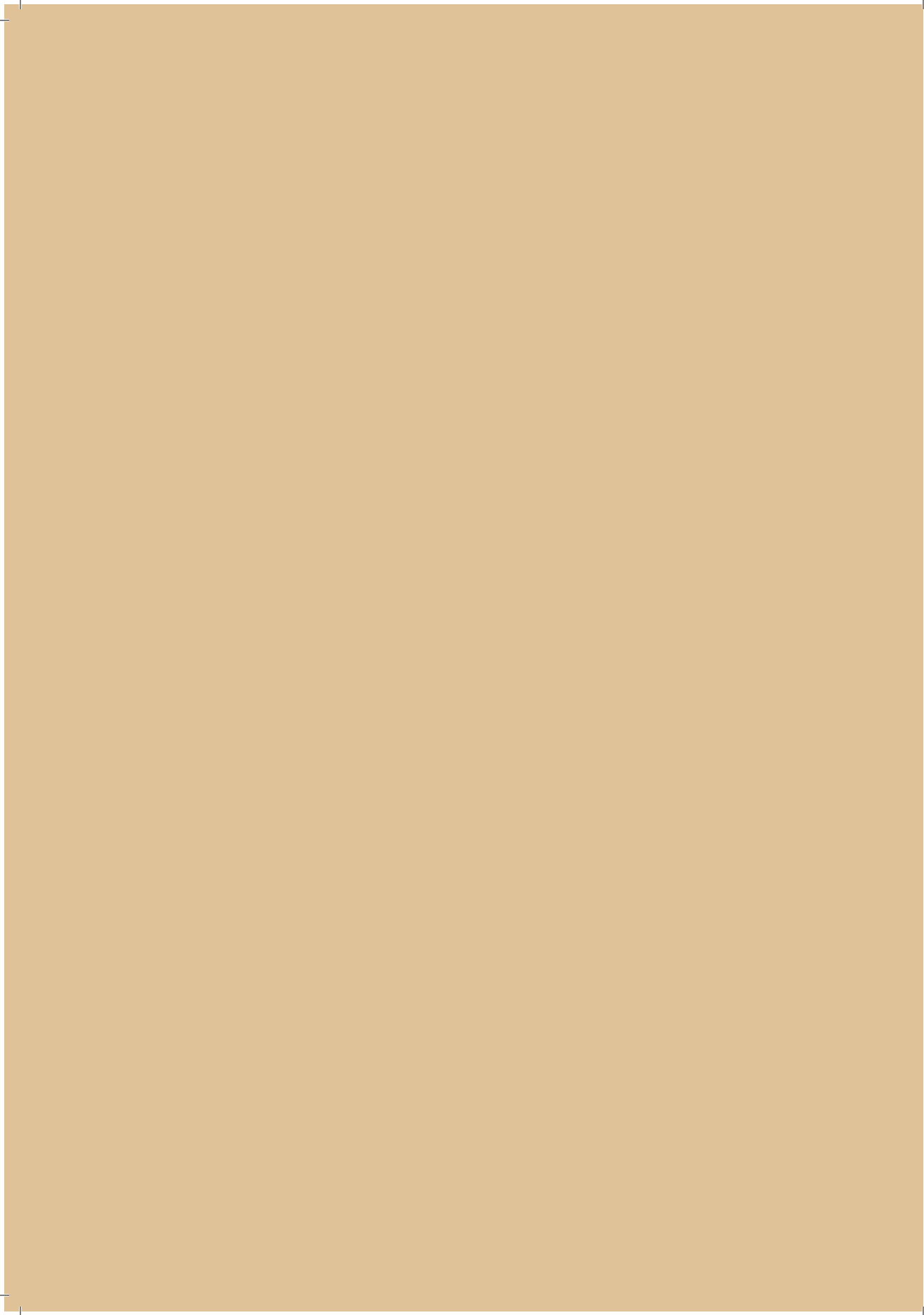
Trompe l'oeil – Pintura que dá a ilusão da realidade, como por exemplo uma janela de varanda pintada numa parede para dar a ilusão de que existe. Este nome é francês: "Trompe" quer dizer "engana" e "l'oeil" quer dizer olho. Trompe l'oeil = engana o olho.

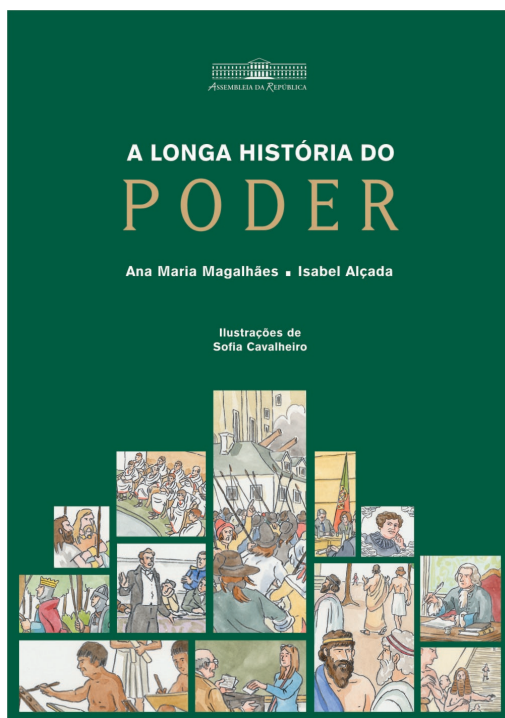


Índice

O Palácio de S. Bento

- 9 . *Um Edifício com uma Longa História*
- 10 . **Uma zona de bons ares**
- 10 . **Os monges de S. Bento**
- 11 . **O Terramoto**
- 12 . **O poder na época do terramoto**
- 13 . **Portugal torna-se uma monarquia liberal**
- 14 . **A Guerra Civil**
- 15 . **O Parlamento em S. Bento**
- 17 . **O Terrível Incêndio**
- 21 . **Visitando o Palácio de S. Bento com olhos de ver**
- 23 . **A Fachada Principal**
 - As Estátuas da Fachada Principal**
 - 24 . *Os símbolos*
 - 26 . **O Frontão da Fachada Principal**
 - 28 . **A Varanda da Fachada Principal**
 - 29 . **O Átrio Principal**
 - 29 . **Os Sinos**
 - 30 . **Os Arcos do Átrio – antigas capelas**
 - 32 . **O Jardim**
 - 34 . **O Claustro**
 - 35 . **Estátuas no Claustro**
 - 36 . **Mais Estátuas no Vestíbulo**
 - 37 . **Escadaria Nobre**
 - 38 . **A Decoração das portas**
 - 39 . **As Pinturas**
 - 41 . **A Sala do Senado**
 - A Sala do Senado ao longo dos tempos*
 - 47 . **O Busto da República**
 - 48 . **A Galeria dos Presidentes da Assembleia**
 - 50 . **O Salão Nobre**
 - 55 . **A Sala das Sessões**
 - 58 . **A Estátua da República**
 - 60 . **Os Passos Perdidos**
 - 61 . **As Pinturas dos Passos Perdidos**
 - 66 . **Sala D. Maria II**
 - 68 . **Sala Acácio Lino**
 - 70 . **Sala Lisboa ou Sala Lino António**
 - 71 . **A Biblioteca**
 - 72 . **O Refeitório dos Monges**
 - 73 . **Sala dos Arcos**
 - 74 . **A Livraria**
 - 75 . **Jardim de S. Bento**
 - 77 . **Glossário**
 - 79 . **Outras publicações**





Outras publicações pelas mesmas autoras



